

# Evangelho segundo João



CLÁUDIO VIANNEY MALZONI

# Evangelho segundo João



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Malzoni, Cláudio Vianney Evangelho segundo João / Cláudio Vianney Malzoni. -- São Paulo : Editora Paulinas, 2018. --  
(Comentário bíblico)

ISBN 978-85-356-4406-7

1. Bíblia N.T. Evangelhos - Comentários 2. Bíblia N.T. Evangelho de João I. Título II. Série.

18-15347

CDD-226.506

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Evangelho de João : Teologia 226.506  
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Direção-geral:

*Flávia Reginatto*

Editora responsável:

*Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque:

*Anoar J. Provenzi*

Revisão:

*Mônica Elaine G. S. da Costa*

Gerente de produção:

*Felício Calegaro Neto*

Produção de arte:

*Tiago Filu*

1ª edição – 2018

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)  
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

O Evangelho segundo João e as cartas joaninas formam uma tradição que tem origem numa comunidade cristã fundada por um discípulo de Jesus.

Esta comunidade tinha consciência de uma missão muito importante:  
*ser testemunha do amor, pois o amor não morre jamais.*



# Sumário

	<b>Apresentação</b> .....	<b>11</b>
	<b>Prefácio</b> .....	<b>15</b>
	<b>Introdução</b> .....	<b>19</b>
	Questões preliminares ao Evangelho segundo João .....	19
	Chaves de leitura para o Evangelho segundo João.....	32
	<b>O prólogo do Evangelho</b> .....	<b>53</b>
	<b>A semana inaugural</b> .....	<b>65</b>
1,1-18	O testemunho de João Batista .....	65
1,19-2,12	Os primeiros discípulos .....	71
1,19-34	As bodas de Caná.....	76
1,35-51		
2,1-12		
<b>2,13-4,54</b>	<b>As festas judaicas: I – A primeira Páscoa dos judeus....</b>	<b>81</b>
2,13-22	Jesus se apresenta como o novo santuário .....	81
2,23-25	Jesus em Jerusalém durante a Páscoa.....	86
3,1-10	Nicodemos procura Jesus .....	87
3,11-21	Reflexões a partir do diálogo de Jesus com Nicodemos .....	91
3,22-30	Novo testemunho de João Batista.....	95
3,31-36	Reflexões a respeito do testemunho.....	97
4,1-42	Jesus na Samaria.....	99
4,43-54	O segundo sinal de Jesus em Caná.....	108
<b>5,1-47</b>	<b>As festas judaicas: II – Uma festa em Jerusalém .....</b>	<b>113</b>
5,1-18	Jesus cura um enfermo em Jerusalém .....	113
5,19-30	Jesus afirma sua autoridade de Filho.....	119
5,31-47	Jesus fala sobre os testemunhos que tem a seu favor.....	122
<b>6,1-71</b>	<b>As festas judaicas: III – A segunda Páscoa dos judeus....</b>	<b>125</b>
6,1-15	Jesus sacia a multidão .....	125
6,16-21	Jesus caminha sobre o mar.....	129
6,22-59	O discurso do Pão da Vida.....	130
6,60-71	Crise entre os discípulos de Jesus.....	138

<b>7,1–10,21</b>	<b>As festas judaicas: IV – A festa das Cabanas .....</b>	<b>143</b>
7,1-10	Jesus e seus irmãos antes da festa .....	144
7,11-36	Jesus em Jerusalém durante a festa .....	147
7,37-52	O último dia da festa .....	153
<b>7,53–8,11</b>	Jesus e a mulher surpreendida em adultério .....	158
8,12-59	Novo confronto de Jesus com as autoridades judaicas .....	161
9,1-41	Jesus abre os olhos do cego de nascença .....	176
10,1-21	A alegoria do Bom Pastor.....	184
<b>10,22-42</b>	<b>As festas judaicas: V – A festa da Dedicção do Templo ...</b>	<b>191</b>
<b>11,1-54</b>	<b>As festas judaicas: VI – Jesus ressuscita Lázaro e é condenado à morte .....</b>	<b>197</b>
11,1-46	Jesus chama Lázaro de volta à vida.....	198
11,47-54	O Sinédrio se reúne .....	206
<b>11,55–12,50</b>	<b>As festas judaicas: VII – A terceira Páscoa dos judeus.....</b>	<b>211</b>
11,55-57	A preparação para a Páscoa .....	211
12,1-8	A unção de Jesus em Betânia .....	212
12,9-11	Uma multidão vem a Betânia para ver Lázaro .....	215
12,12-19	A entrada de Jesus em Jerusalém .....	216
12,20-36	Os gregos querem ver Jesus .....	219
12,37-50	A incredulidade diante de Jesus .....	223
<b>13,1–17,26</b>	<b>A Páscoa de Jesus: I – A ceia de Jesus com seus discípulos .....</b>	<b>229</b>
13,1-20	A ceia do lava-pés .....	229
13,21-30	Anúncio da traição de Judas .....	235
13,31-35	O novo mandamento .....	238
13,36-38	Predição da negação de Pedro .....	239
14,1-14	Jesus anuncia sua partida para o Pai .....	240
14,15-31	A promessa do Espírito Santo .....	244
15,1-17	A videira e os ramos.....	249
<b>15,18–16,4</b>	O testemunho dos discípulos .....	253
16,5-15	O Espírito conduz na verdade .....	257
16,16-33	Novo anúncio da partida .....	259
17,1-26	A oração de Jesus pelos que creem.....	263

<b>18,1–19,42</b>	<b>A Páscoa de Jesus: II – A paixão de Jesus</b> .....	<b>271</b>
18,1-14	A prisão de Jesus .....	271
18,15-27	Os interrogatórios de Jesus e de Pedro .....	275
<b>18,28–19,16a</b>	Jesus diante de Pilatos.....	279
<b>19,16b-24</b>	A crucificação .....	287
19,25-27	Jesus, sua mãe e o discípulo que Jesus amava .....	289
19,28-30	A morte de Jesus.....	290
19,31-37	O golpe da lança .....	291
19,38-42	O sepultamento do corpo de Jesus .....	294
<b>20,1–21,25</b>	<b>A Páscoa de Jesus: III – Jesus ressuscitado</b> .....	<b>299</b>
20,1-10	O Discípulo Amado testemunha a ressurreição de Jesus .....	299
20,11-18	Maria de Mágdala testemunha a ressurreição de Jesus .....	302
20,19-29	Tomé testemunha a ressurreição de Jesus .....	306
20,30-31	Conclusão do Evangelho.....	310
21,1-14	A pesca abundante.....	311
21,15-19	O diálogo de Jesus com Simão Pedro.....	316
21,20-25	O Discípulo Amado .....	318
	<b>Considerações finais</b> .....	<b>323</b>
	<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>325</b>
	<b>Índice</b> .....	<b>331</b>



# Apresentação

Tenho a alegria e a satisfação, a pedido do próprio professor Cláudio Vianney, de apresentar este seu sugestivo livro *“Evangelho segundo João”*. Como seu ex-aluno e amigo aceitei este enorme desafio, já que não é algo habitual um ex-aluno apresentar um livro do seu ex-professor. Na antiga Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, tive o privilégio de ser bem introduzido por ele em uma leitura teológica, exegética e crítica do Evangelho segundo Marcos, do prólogo de São João e do próprio Evangelho segundo São João, além de suas cartas e do Apocalipse. Foram aulas que me inspiraram a me aventurar pelas reflexões teológicas na perspectiva ético-moral em minha pesquisa doutoral sobre a consciência.

O presente livro segue a trilha de um mestre da Escritura por seu rigor acadêmico amadurecido em sua pesquisa doutoral junto à École Biblique em Jerusalém, mas que se conjuga à simplicidade e à didática da linguagem, entusiasmando-nos a saborear a vida de Jesus e da comunidade primitiva narrada pelo quarto evangelista. Cláudio, com o seu livro, nos ajuda, com fineza e síntese, a compreendermos o coração de Deus pulsando com toda sua força pela prática real de Jesus, segundo João.

A cristologia e a eclesiologia que encontramos em João são comumente caracterizadas pelo envolvimento do divino na história humana e em seus conflitos. Tendo presente essa perspectiva, e com certo requinte literário, o próprio Cláudio busca ajudar os estudantes de teologia e, principalmente, as comunidades cristãs a percorrer um itinerário de amadurecimento da fé, ainda mais no contexto hodierno, marcado por interpretações de tendências individualistas, fundamentalistas e moralizantes. São João sempre inspira a Igreja e o leitor comum a alargar os horizontes da fé pela prática infundável da caridade com uma esperança teologal, no conhecimento profundo de Deus, pelo testemunho de seu Filho Jesus Cristo, com a força do Espírito de Amor.

A opção metodológica e sua fonte de inspiração, neste livro, são sugestivas. Primeiramente, apresenta-nos uma parte introdutória para posteriormente nos ajudar a aprofundar as perícopes, mediante as minúcias próprias do olhar exegético. Ainda nesta parte, desenvolve a crítica textual

com o escopo de introduzir o leitor no significado mais preciso do texto. Num segundo momento, por meio do recurso da intertextualidade, tão bem praticada em suas aulas, ajuda o leitor a ampliar seu raio de atenção para perspectivas teológicas de outros textos bíblicos, método este já realizado pelos Padres da Igreja, em tempos ulteriores, mas muito atual e necessário.

Na esteira de quatro comentadores, especialistas em João, dentre artigos e estudos específicos – Charles Harold Dodd, Raymond Brown, Johan Koenigs e Johannes Beutler –, muito utilizados em suas aulas, indicam-nos já a envergadura e a profundidade do seu comentário bíblico. Como o próprio Cláudio diz no seu Prefácio, “este comentário ao Evangelho segundo João não se pretende completo e acabado. Quer ser a busca pelo sentido das unidades textuais – as perícopes”. Buscar o significado das palavras, dos gestos, dos sinais e das coisas é o que caracteriza marcadamente o ser humano. Ao exegeta cabe encontrar este sentido nos textos, mediante um rico e exigente procedimento de retorno às fontes. Ao teólogo, também comentador da Escritura, é de grande proveito apropriar-se do significado encontrado pelo exegeta para propor uma forma sistemático-racional e transformá-la em linguagem própria para a fé. Para o autor, essa fonte é o próprio Jesus Cristo, seguindo a tradição da comunidade do discípulo de Jesus. O retorno ao essencial é sempre guiado por uma paixão que se desabrocha numa experiência amorosa. Quando a vida tende a se afastar daquilo que unifica e integra o ser humano, cabe o retorno ao sentido para buscar o amor, centro da vida humana.

Como teólogo moralista que busca nas fontes sinóticas e, particularmente, na fonte joanina esse sentido, vejo com bons olhos o esforço intelectual e, por que não dizer também, místico-contemplativo do autor. Para ele, seguindo seu comentário, apenas algo é necessário: “Ser testemunha do amor, pois o amor não morre jamais”. Este foi o centro e o destino da pregação de Jesus e do sentido unificador do discipulado em João. O amor é o epicentro do modo de ser da Igreja e de todos nós, discípulos de Jesus. Toda a pregação e a atividade de Jesus foram profundamente marcadas pelo amor irradiado no coração dos destinatários da Boa-Nova. Esse amor, ressignificado e vivido de modo real, foi sempre transformador. Todas as perícopes comentadas com profundidade comprovam que o sentido de Deus transmitido por João é atualizado por nós no amor a ser gestado por todas as pessoas impulsionadas pela força do Espírito, dado a nós por Jesus Cristo.

Quero parabenizar o amigo e mestre Cláudio por este relevante e recomendável livro editado por Paulinas Editora. A tese de fundo do livro talvez

pudesse ser sintetizada nesta máxima: “Da experiência de fé, João convida-nos a uma experiência espiritual e a um evangelho do amor”. Da “fé professada” (crer), à “fé vivida” (ética), Cláudio motiva os leitores a percorrer um caminho necessário nos dias de hoje. Acredito, enfim, que o livro chega em um momento propício no qual o Papa Francisco convida a Igreja a estar em saída. O grande tema teológico em João é a saída de Deus de si mesmo, embora em constante comunhão trinitária, para encontrar-se com a humanidade sedenta de sentido. Que este livro propicie a todo leitor ávido sair de si mesmo para manifestar o fruto do amor aos irmãos e irmãs.

*André Luiz Boccato de Almeida, OP*



# Prefácio

Este comentário ao Evangelho segundo João não se pretende completo e acabado, desses em que cada palavra em cada versículo é comentada ou que depois de tê-lo escrito o autor já desse por encerrada sua pesquisa. Ao contrário, trata-se de um comentário em que o autor buscou mais o sentido das unidades textuais, chamadas em exegese de “perícopes”, e que representa mais uma etapa concluída de sua pesquisa, mas não a conclusão da pesquisa.

O comentário começa com duas seções introdutórias. A primeira trata de questões preliminares ao Evangelho segundo João: sua autoria, composição, datação e relações com os demais escritos bíblicos e, de modo especial, com os outros escritos evangélicos. A segunda seção da Introdução, mais longa, oferece algumas chaves de leitura para o Evangelho. Só então começa o comentário perícope por perícope.

O Evangelho é apresentado, primeiramente, em suas grandes unidades ou seções. Determinante para a identificação dessas unidades é o quadro das festas dado pelo próprio evangelista. As seções, por sua vez, são divididas em perícopes, apresentadas a seguir. A maioria das perícopes é facilmente identificável, ainda que haja dúvidas quanto à delimitação de algumas delas. De modo especial, isso ocorre quando surgem, na narrativa, breves textos redacionais que tanto podem ser considerados como parte da perícope que se encerra como parte da perícope que se inicia, ou ainda como breves perícopes independentes. Um exemplo pode ser encontrado em Jo 2,12.

As perícopes, por sua vez, são primeiramente introduzidas. Nessa introdução, são postos em destaque alguns elementos de análise literária a partir da identificação do gênero literário do texto. Quando se trata de um texto narrativo, são apresentadas as personagens do relato, as anotações de tempo e de espaço. Se as anotações de espaço referem-se a dados geográficos, esses dados são identificados tanto quanto possível, uma vez que algumas localidades mencionadas no Evangelho segundo João já não são mais identificáveis quanto à sua localização.

Segue a apresentação do texto traduzido. O Evangelho segundo João foi escrito em grego, e sua tradução foi feita a partir da quarta edição de

O *Novo Testamento grego*, publicado no Brasil em 2009 pela Sociedade Bíblica do Brasil (para a transliteração de termos gregos, seguiu-se P. H. Alexander et al. *The SBL Handbook of Style*, p. 29). Uma vez apresentada a tradução, passa-se à crítica textual e às notas à tradução. A crítica textual compreende o estudo do texto nos manuscritos antigos, que são testemunhos diretos (manuscritos bíblicos) ou indiretos (manuscritos de obras de escritores patrísticos que citam o texto bíblico). Dentre todos esses manuscritos, foram privilegiados os manuscritos mais antigos e o acordo entre as três grandes tradições textuais: a Bizantina (em grego), a Vulgata (em latim) e a Pechita (em siríaco). Esse também é o lugar para apresentar diferentes possibilidades de tradução que o texto grego pode oferecer. Esse trabalho é preliminar ao comentário propriamente dito, mas pode acontecer que o comentário de uma perícopes esteja tão ligado às possibilidades de tradução de um texto que, então, não há por que separar as notas à tradução do próprio comentário.

Normalmente, após a apresentação do texto traduzido e das notas de crítica textual e à tradução, vem o comentário da perícopes propriamente dito. Esse comentário é feito por unidades de sentido ou grupos de versículos. Ainda que haja algo a ser comentado em cada versículo, não é a compreensão do versículo que se busca, mas sim a compreensão das unidades de sentido e, a partir delas, das perícopes, das seções e do Evangelho como um todo.

O passo seguinte é a intertextualidade, ou seja, a explicitação dos textos paralelos à perícopes do Evangelho segundo João que está sendo comentada. Essa intertextualidade é primeiramente com os evangelhos sinóticos. Quando esses textos paralelos comportarem perícopes inteiras, a intertextualidade será apresentada juntamente com o comentário, no qual serão colocadas em destaque as particularidades do relato joanino em face dos relatos paralelos dos evangelhos sinóticos. Também se dará atenção aos paralelos temáticos entre o Evangelho segundo João e as cartas joaninas. Outros paralelos temáticos com outros escritos do Novo Testamento também serão apresentados, mas sem a pretensão de esgotar o assunto. Como regra geral, onde há, no Evangelho segundo João, uma citação ou referência a um texto do Antigo Testamento, essa citação ou referência será apresentada no corpo do comentário. Algumas propostas de aprofundamento de um tema são dadas em notas de rodapé, com a indicação de bibliografia consultada em que esse tema encontra-se tratado mais detalhadamente ou em outra perspectiva que não a adotada neste comentário.

Como tal, este comentário é devedor de três atividades realizadas ao longo dos últimos anos: o ensino, a tradução e a leitura.

O ensino diz respeito às aulas de Literatura Joanina ministradas na Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, no Instituto de Teologia João Paulo II, em Sorocaba, e na Universidade Católica de Pernambuco, no Recife, além de cursos e palestras a diversos grupos em diversos lugares. A atividade de preparar e ministrar aulas, ano após ano, me ajudou a aprofundar a leitura do Evangelho segundo João e das cartas joaninas. As questões levantadas pelos alunos em sala de aula me ajudaram a aprofundar os conhecimentos e indicaram novas perspectivas de leitura desse conjunto de escritos do Novo Testamento.

Um novo desafio se colocou com a participação na equipe de tradutores de *A Bíblia – Novo Testamento*, de Paulinas Editora. O trabalho sistemático de tradução do Evangelho segundo João e das cartas joaninas, a preparação das notas e a indicação de textos paralelos intensificaram o contato com os escritos joaninos.

Vem, enfim, a leitura de comentários do Evangelho segundo João e de artigos temáticos relacionados a este Evangelho. Dentre os comentários, aqueles que foram mais amplamente utilizados foram quatro. O primeiro deles é o de Charles Harold Dodd: *A interpretação do quarto evangelho*. Trata-se de um comentário publicado em inglês na década de 1950. Sua tradução ao português é da década de 1970, por José Raimundo Vidigal. Em 2003, houve uma reedição em português. Trata-se de um clássico, válido pelas profundas reflexões do autor. Não é um livro inteiramente acessível ao grande público devido às citações textuais em grego, embora transliterado. Se fossem dadas as traduções dessas citações, o livro alcançaria um público maior. O segundo comentário lido e utilizado é o de Raymond Edward Brown, publicado primeiramente em inglês, em dois volumes, na coleção Anchor Bible: *The Gospel according to John*. Esse comentário foi publicado no final da década de 1960 e início da década de 1970, sendo traduzido em diversas línguas, mas não em português. O texto aqui utilizado foi o da tradução italiana, *Giovanni*, publicada em um só volume. O terceiro foi um comentário publicado no Brasil, escrito por Johan Konings: *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Esse comentário foi publicado em 2000, pela Editora Vozes, e, novamente, em 2005, segunda edição, pelas Edições Loyola. Aqui, foi utilizada a segunda edição. Enfim, o comentário de Johannes Beutler, *Evangelho segundo João: comentário*, publicado na Alemanha, em 2013, traduzido por Johan Konings e publicado no Brasil em 2015. Trata-se de uma obra impressionante pela quantidade de referências que traz, as quais revelam a dedicação à leitura de seu autor. Também impressiona pelo respeito e delicadeza

com que trata alguns temas polêmicos que emergem, de modo especial da leitura contextualizada da Bíblia.

Esses são os quatro comentários mais importantes. Além deles, outros estudos foram utilizados, publicados em livros ou artigos, conforme se pode conferir pelo elenco final de referências. Diversas edições do texto do Evangelho segundo João foram utilizadas, em grego, siríaco e português.

Grande parte da literatura aqui utilizada foi sugerida por meus professores de escritos joaninos, se não por eles mesmos escrita. É a eles que dedico este livro: ao professor Johan Konings, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; ao professor Jesús Luzarraga, em memória, do Pontifício Instituto Bíblico, e ao professor Luc Devillers, da Escola Bíblica de Jerusalém.

# Introdução

Esta introdução é composta de duas partes. Na primeira, serão apresentadas algumas questões preliminares ao Evangelho segundo João. São questões que suscitaram e ainda suscitam polêmicas, com as quais se está no campo do debate das hipóteses formuladas pelos estudiosos. Na segunda parte, serão apresentadas chaves de leitura para o Evangelho, tomadas do próprio Evangelho, com o objetivo de ajudar o leitor a prestar atenção a certas características típicas do texto joanino. Essas chaves são dadas logo no início, e o leitor atento, ao final de sua leitura, deveria estar em condições de completar essa lista com outras chaves de leitura que ele próprio chegou a perceber, ajudando, assim, outros leitores que virão.

## Questões preliminares ao Evangelho segundo João

O Evangelho segundo João sempre suscitou polêmicas, mais do que os outros escritos evangélicos. Essas polêmicas, que serão tratadas nesta introdução, giram em torno de quatro temas:

- a) a autoria do escrito;
- b) a composição do escrito ou sua história redacional;
- c) a data da composição, e
- d) suas relações com os evangelhos sinóticos e com os demais escritos bíblicos.

## A autoria do Evangelho segundo João<sup>1</sup>

Quando se vai tratar da autoria do Evangelho segundo João, é preciso começar com uma distinção que vale também hoje, e que valia ainda mais na Antiguidade: o conceito de “autor” não coincide exatamente com o conceito de escritor. O conceito de autor está mais próximo do conceito de autoridade, isto é, autor é quem dá autoridade a um escrito e não necessariamente quem o escreveu.

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto, pode-se ver R. E. BROWN, *Giovanni*, p. CIII-CXXIII; J. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 27-30; J. BEUTLER, *Evangelho segundo João*, p. 31-32.

Levando em consideração a distinção entre autor e escritor, a autoria do Evangelho segundo João será tratada em duas etapas. A primeira está relacionada aos testemunhos externos sobre o tema. A segunda pesquisa as evidências internas sobre o tema, ou seja, no próprio texto do Evangelho.

Entre os testemunhos externos, os mais importantes são os de Ireneu de Lião, do Cânon de Muratori e de Clemente de Alexandria. Quanto a Ireneu, eis o que escreveu: “E, depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia” (*Adversus haereses* III,1,1).<sup>2</sup>

Ireneu se refere a “João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele”. Essa referência tem sido relacionada a João, o irmão de Tiago e filho de Zebedeu, um do grupo dos Doze, muito embora Ireneu não explicita nenhuma dessas informações. Por outro lado, ele nomeia o discípulo que reclinou a cabeça ao peito de Jesus, o que o próprio Evangelho não faz.<sup>3</sup>

Entre os testemunhos antigos também há textos que foram usados – ainda que indiretamente – para colocar em dúvida a afirmação de que João, o irmão de Tiago, tenha sido o autor do Evangelho. Um deles se encontra na História Eclesiástica, de Eusébio de Cesareia, que cita Papias:

No entanto, se vinha a determinado lugar algum dos companheiros dos presbíteros, informava-me sobre as palavras dos presbíteros: o que dissera André ou Pedro, ou Felipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; o que dizem Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor (História Eclesiástica III,39,4).<sup>4</sup>

Esse texto alude a duas pessoas chamadas João, um nomeado com outros do grupo dos Doze, e outro cognominado “o presbítero”. Não poderia ter sido esse João e não o irmão de Tiago o autor do Evangelho? Também

<sup>2</sup> IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, p. 247.

<sup>3</sup> Dentre os testemunhos antigos, R. E. Brown atribui maior importância ao testemunho de Ireneu, uma vez que seria possível estabelecer uma ligação entre este e Policarpo de Esmirna, e deste com o próprio evangelista (*Giovanni*, p. CV). Já J. O. Tuñí Vancells permanece crítico quanto a essas ligações. Segundo ele, “Policarpo não deixa entrever conhecimento do evangelho de João em sua carta aos filipenses e, em vez disso, se apoia claramente no evangelho de Mateus” (*O testemunho do Evangelho de João*, p. 171).

<sup>4</sup> EUSÉBIO DE CESAREIA, *História eclesiástica*, p. 166.

haveria que se levar em consideração uma antiga tradição segundo a qual Tiago e João teriam sido martirizados juntos, como faz supor Mc 10,38-39.

Esses exemplos mostram que a tradição que coloca a autoridade do Evangelho sob a figura de João, o irmão de Tiago, filho de Zebedeu, um dos Doze, não foi unânime nem mesmo na Antiguidade. Ela, contudo, tornou-se amplamente majoritária.<sup>5</sup>

O outro conjunto de dados é aquele que surge do próprio Evangelho. São as evidências internas, isto é, como o autor se deixa mostrar por intermédio de sua obra. Há algumas passagens em que o autor fala de si explicitamente e outras em que fala implicitamente.

O texto mais importante a esse respeito está em Jo 21,24: “Esse é o discípulo que testemunha a respeito dessas coisas, e que as escreveu. Sabemos que é verdadeiro seu testemunho”. A forma verbal “sabemos” mostra claramente que se trata não de uma afirmação do autor do Evangelho, mas sim de uma afirmação a respeito do autor do Evangelho, acrescentada posteriormente, que atesta o testemunho daquele que escreveu o Evangelho. É possível levantar a dúvida sobre se “essas coisas” colocadas por escrito às quais o texto se refere sejam os últimos relatos do capítulo 21 ou todo o Evangelho. O mais provável é que a expressão “essas coisas” se refira a todo o Evangelho.

O texto de Jo 21,24 está inserido em uma passagem que se refere ao discípulo que Jesus amava, atribuindo-lhe a autoria do Evangelho. Os textos que a ele se referem são: Jo 13,23-26; 19,25-27; 20,2-10; 21,7; 21,20-24. Em geral, juntam-se a esses textos outros dois que dizem respeito a “outro discípulo” sem nomeá-lo, mas também sem identificá-lo com o discípulo que Jesus amava. Esses textos são: Jo 1,37-40; 18,15-16.

Sobre a identidade desse discípulo muita coisa já foi escrita. Por um lado, ele poderia ser visto somente como uma figura simbólica. Mas essa não é a maneira como, em geral, este Evangelho trabalha com símbolos, ou seja, sem conexão alguma com a realidade, de modo que seria melhor buscar uma figura concreta à qual a expressão “o discípulo que Jesus amava” se refere.

Para alguns, o Discípulo Amado é Lázaro.<sup>6</sup> A hipótese, porém, mais amplamente aceita é aquela que o identifica com João, filho de Zebedeu. O

<sup>5</sup> Para uma leitura mais detalhada sobre este assunto, pode-se consultar A. WIKE-NHAUSER, *El Evangelio según san Juan*, p. 11-23.

<sup>6</sup> Essa hipótese é sustentada por F. V. Filson, em um artigo por ele escrito: *Who was the Beloved Disciple?* p. 83-88. A questão é apresentada por L. Devillers, embora, ele mesmo, não se alinhe a essa posição: *Les trois témoins*, p. 66, n. 49.

principal argumento que sustenta essa hipótese é que o Discípulo Amado não é um discípulo qualquer, visto que ele está quase sempre em igualdade com Pedro. Dentre os discípulos de Jesus conhecidos pela tradição sinótica, o que melhor se apresenta como candidato a preencher os requisitos básicos do Discípulo Amado é João, filho de Zebedeu. Permanece, contudo, o fato de que o evangelista preferiu manter a identidade do Discípulo Amado em segredo.<sup>7</sup>

Em resumo:

- a) A tradição a respeito da autoria deste Evangelho é majoritária em atribuí-la a João, filho de Zebedeu; mas quanto à tradição antiga é necessário dizer que ela pensa em autor como autoridade.
- b) Certas passagens do Evangelho referem-se a um discípulo identificado com a expressão “o discípulo que Jesus amava”, ao qual se atribui a condição de testemunha sobre a qual repousa a autoridade neste Evangelho. Esse discípulo, porém, preferiu tornar-se conhecido com essa expressão, não revelando seu nome.

### A composição do Evangelho segundo João<sup>8</sup>

Feitas essas primeiras considerações a respeito da autoria do Evangelho segundo João, ainda se pode perguntar se este Evangelho é obra de um só autor ou de vários autores, se por trás deste Evangelho encontra-se uma só pessoa ou uma comunidade à qual se deveria atribuir sua composição.

Para responder a essa questão, antes de tudo, é preciso excluir Jo 7,53-8,11, o relato da mulher perdoada por Jesus. Esta perícopé não aparece em antigos testemunhos do Evangelho e, certamente, depois de ter existido de maneira independente, foi encaixada após Jo 7,52. Esse relato, portanto, não pode ser atribuído ao mesmo autor do restante do Evangelho, seja ele obra de uma só pessoa ou de uma comunidade. Não levando em consideração

<sup>7</sup> Quanto à identidade do Discípulo Amado, R. E. Brown foi um, mas não o único, estudioso que mudou de opinião. Em seu livro “A comunidade do Discípulo Amado”, ele se mostrava inclinado a mudar a posição que sustentara anteriormente de que o Discípulo Amado era João, um dos Doze, posição a qual tinha chegado pela combinação de informações do Evangelho segundo João com informações dos evangelhos sinóticos. À época, ele se mostrava propenso à hipótese de que o Discípulo Amado era estranho ao grupo dos Doze (*A comunidade do Discípulo Amado*, p. 31-35).

<sup>8</sup> Sobre este assunto, pode-se ver R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XXII-XXIV; B. MAGGIONI, *Evangelho de João*, p. 261-262; J. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 31-34.

esta perícopé, novamente se coloca a pergunta: o Evangelho segundo João é obra de um só autor?

A resposta a essa pergunta tem como ponto de partida as questões de estilo literário. Tais questões dizem respeito ao uso da linguagem, isto é, às estruturas gramaticais empregadas com mais frequência, ao vocabulário mais comum, às figuras de linguagem típicas etc. No Evangelho segundo João, a análise desses elementos pende mais para a uniformidade que para a diversidade. Há, contudo, duas exceções. A primeira é Jo 21. Para esse capítulo, há diversos estudiosos que insistem mais nas diferenças de estilo com o restante do Evangelho que nas semelhanças.<sup>9</sup> A segunda é Jo 1,1-18, o prólogo do Evangelho, que também apresenta diferenças de estilo com o restante do Evangelho, diferenças que podem ser explicadas no conjunto de outras particularidades desses versículos introdutórios a todo o Evangelho.

Outro campo de investigação é a crítica redacional. No Evangelho segundo João, a sequência narrativa corre linearmente ou há certas rupturas difíceis de explicar? Certas rupturas podem facilmente ser constatadas no texto. Eis alguns exemplos:

- a) Em Jo 2,11, o narrador se refere ao primeiro sinal realizado por Jesus, que ocorreu em Caná da Galileia. Em Jo 4,54, o narrador se refere ao segundo sinal realizado por Jesus, que também ocorreu em Caná. Mas, entre um e outro, são mencionados outros sinais que Jesus realizou em Jerusalém (Jo 2,23).
- b) Em Jo 3,22, é dito que Jesus foi com seus discípulos para a Judeia. Pela sequência narrativa do Evangelho, contudo, Jesus já está na Judeia desde Jo 2,13.
- c) Em Jo 7,21-23, há a referência a uma obra realizada por Jesus. Essa referência se harmoniza bem com o relato da cura de um doente que está em Jo 5,1-18, mas entre a referência e o relato em si há

<sup>9</sup> Ver a esse respeito W. G. KÜMMEL, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 263-265. C. H. Dodd refere-se ao capítulo 21 como apêndice (*A interpretação do quarto Evangelho*, p. 553-554). Em um artigo sobre a estrutura do Evangelho segundo João, L. Devillers apresenta alguns autores que buscaram integrar o capítulo 21 ao conjunto do Evangelho, são eles: E. Wyller, G. Østenstad, H. Thyen, E. Delebecque, I. de la Potterie, W. S. Vorster, U. Busse e G. Korting. Ele próprio, no entanto, se alinha ao grupo de biblistas que prefere ver no capítulo 21 a obra de outro autor, possivelmente um discípulo de João evangelista, como sugere M.-E. Boismard. Devillers cita ainda nesse grupo J. Zumstein e R. T. Fortna (L. DEVILLERS, *Les trois témoins*, p. 45-61).

muitas outras coisas. No capítulo 5, Jesus está em Jerusalém durante uma festa. No capítulo 6, está na Galileia, por ocasião de uma Páscoa; no capítulo 7, está novamente em Jerusalém para a festa das Cabanas. Esses dados fazem pensar que pode ter havido uma mudança na sequência original desses capítulos e que, em um estágio redacional mais antigo, o material do capítulo 7 viria logo após o material do capítulo 5.<sup>10</sup>

- d) No final do capítulo 14, estão as palavras de Jesus: “Levantai-vos, vamo-nos daqui” (Jo 14,31). Essas palavras pressupõem que terminou o diálogo de Jesus com seus discípulos que vinha desde o capítulo 13. Na sequência, porém, ninguém parte e Jesus ainda continua falando num longo discurso que abrange os capítulos 15 a 17.
- e) Colocados numa mesma sequência narrativa, os versículos Jo 13,36; 14,5 e 16,5 são contraditórios entre si:

Disse-lhe Simão Pedro: “Senhor, para onde vais?” Respondeu-lhe Jesus: “Para onde vou não podes agora me seguir; mas depois me seguirás” (Jo 13,36).

Disse-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?” (Jo 14,5).

“Agora, no entanto, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: ‘Para onde vais?’” (Jo 16,5).

Um leitor atento não teria como não se interrogar se, afinal de contas, os discípulos perguntaram ou não a Jesus para onde ele iria.

Além dessas rupturas, ainda haveria certas repetições, como as duas conclusões do Evangelho em Jo 20,30-31 e em Jo 21,24-25, e os discursos muito semelhantes em Jo 5,19-25 e em Jo 5,26-30, ou ainda em Jo 14,1-31 e em Jo 16,4-33. São, sobretudo, esses dados que levantam a dúvida sobre a unicidade da autoria do Evangelho. Várias soluções já foram propostas para explicar as rupturas e repetições presentes no Evangelho segundo João. Eis três dentre elas.

<sup>10</sup> Para J. Beutler, o capítulo 6 foi inserido posteriormente, o que, de certo modo, interrompeu a sequência original dos capítulos 5 e 7, e do calendário das festas judaicas: Páscoa: Jo 2-4; Pentecostes: Jo 5; Cabanas: Jo 6-10,21; Dedicção, a partir de Jo 10,22, para voltar novamente à Páscoa, a partir do final do capítulo 11 (*Evangelho segundo João*, p. 161.197).

*A teoria das três fontes, de Rudolf K. Bultmann*

Segundo R. Bultmann, o Evangelho segundo João passou por um processo redacional complexo que teve como ponto de partida a utilização de três fontes escritas:

- a) A fonte dos sinais: o evangelista teria utilizado uma coleção mais ampla de narrativas de milagres de Jesus. Nessa coleção, que estaria escrita em um grego influenciado por uma sintaxe semítica, os milagres estariam numerados.
- b) A fonte dos discursos de revelação: de onde o evangelista tirou os discursos atribuídos a Jesus. Daí viria também o prólogo. Essa fonte estava em aramaico. Ao passar para o grego, manteve-se a forma poética. R. Bultmann caracterizou a teologia desse escrito como gnóstico-oriental primitiva. Segundo ele, o evangelista teria demitologizado e cristianizado esses discursos.
- c) O relato da paixão e ressurreição: também escrito em um grego influenciado por semitismos. Trata-se de um relato independente daquele utilizado pelos evangelhos sinóticos.

Para R. Bultmann, o evangelista teria combinado essas fontes fazendo, porém, um trabalho original para veicular seu próprio pensamento. Ele mesmo teria participado de um grupo gnóstico de discípulos de João Batista, tendo-se convertido ao cristianismo. Depois, seu Evangelho teria passado por certas alterações que mudaram sua ordem primeira. Enfim, num estágio posterior, o Evangelho passou pelas mãos de um redator eclesástico que lhe deu sua forma final literária e teológica. Mais importante teria sido seu trabalho no campo teológico. Ele teria remodelado passagens de cunho excessivamente gnóstico e teria aproximado este Evangelho dos evangelhos sinóticos, preparando-o, assim, para ser aceito como um evangelho canônico pela Igreja.<sup>11</sup>

A teoria de R. Bultmann não foi recebida sem críticas. Uma das principais dificuldades apontadas está em que alguns discursos de Jesus no Evangelho

<sup>11</sup> O comentário de R. Bultmann (*Das Evangelium des Johannes*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1957) também pode ser encontrado em inglês (*The Gospel of John: a Commentary*. Oxford: Blackwell, 1971). Esse comentário exerceu uma forte influência nos estudos joaninos, seja por aqueles que o aceitaram, seja por aqueles que o contestaram. Dois dos mais importantes comentários lidos para a elaboração deste presente comentário dialogam primeiramente com R. Bultmann: o de R. E. Brown, a partir do ponto de vista da credibilidade das informações históricas transmitidas pelo Evangelho segundo João, e o de J. Beutler, a partir do ponto de vista da plausibilidade da leitura sincrônica do Evangelho segundo João.

segundo João encontram paralelos nos evangelhos sinóticos e poderiam remontar a uma fonte de discursos de Jesus não necessariamente gnóstica ou pré-cristã, nem mesmo distinta da fonte dos sinais. Ademais, não só para R. Bultmann, como também para outros que levantam hipóteses desse tipo, fica sempre a crítica de que eles trabalham com certos pressupostos que não são explicitados, de modo especial, quanto aos aspectos teológicos.<sup>12</sup>

*A teoria das múltiplas redações, de M.-Émile Boismard*

Além de M.-É. Boismard, outros estudiosos levantaram a possibilidade de que o Evangelho segundo João teria passado por diversos estágios redacionais. O essencial dessas teorias está em pressupor um trabalho de redações sucessivas do material que compõe o Evangelho. No entanto, não há acordo entre os que postulam teorias desse tipo nem quanto ao número de redações pelas quais o Evangelho teria passado, nem se elas foram feitas por uma só ou por várias pessoas. Há, contudo, certo consenso de que um dos redatores do Evangelho segundo João é o mesmo autor das cartas joaninas. Outro ponto em que falta consenso é a respeito da profundidade desse trabalho de reelaboração redacional: o leque vai daqueles que postulam um trabalho de simples retoques da parte de um segundo redator àqueles que postulam várias redações que, a cada vez, trouxeram mudanças significativas ao texto.

De acordo com M.-É. Boismard, o Evangelho segundo João teria passado por quatro etapas redacionais. A primeira etapa é a que ele chama de João I ou Documento C, que seria aquela da primeira redação do Evangelho, feita na Palestina. Nessa etapa, ainda não apareciam os grandes discursos de Jesus e eram narrados cinco sinais. Esse documento, que também teria sido utilizado no processo redacional do Evangelho segundo Lucas e do Evangelho segundo Marcos, estava marcado pelo pensamento samaritano.

Na segunda etapa ou João II-A, a primeira redação foi retomada e ampliada por um novo autor, ainda na Palestina. Posteriormente, esse mesmo autor transferiu-se para a Ásia Menor, onde fez uma nova redação do Evangelho. Essa é a terceira etapa ou João II-B. O motivo dessa nova redação foram os problemas que encontrou na Ásia Menor, de modo especial,

<sup>12</sup> Uma apresentação da argumentação de R. Bultmann, seguida de uma avaliação, pode ser encontrada em R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XXVIII-XXXII. Também se pode ver J. BEUTLER, *Evangelho segundo João*, p. 24-25. J. Beutler também apresenta os trabalhos de H. Becker, E. Schweizer e S. Schulz, alunos e continuadores de R. Bultmann, a respeito dos discursos de Jesus no Evangelho segundo João (*Evangelho segundo João*, p. 29-30).

aqueles causados pelo conflito com os cristãos judaizantes. Nessa etapa, ele introduziu novos materiais, tomados, sobretudo, dos evangelhos sinóticos, mudou a ordem primitiva do Evangelho e enquadrou sua redação com as festas judaicas, colocando no primeiro plano a festa da Páscoa. O Evangelho segundo João teria ainda recebido a influência das cartas paulinas, dos escritos de Lucas e de textos de Qumrã. É nessa etapa que o Evangelho demonstra maior proximidade com as cartas joaninas.

A quarta etapa ou João III já é o trabalho de outro autor que continuou a obra. Ele juntou textos paralelos de João II-A e João II-B, inverteu a ordem dos capítulos 5-6, inseriu novas glosas e material tanto de procedência joanina como de outra procedência. Ele atenuou uma tendência antijudaica do material que retomou das etapas anteriores.<sup>13</sup>

A teoria de M.-É. Boismard está longe de ser aceita e a maior crítica que recebeu foi a de ter detalhado demais a identificação de quais materiais seriam provenientes de cada uma das etapas redacionais por ele postuladas.

*A teoria dos cinco estágios redacionais, de Raymond E. Brown*

Tal como a proposta de M.-É. Boismard, a solução proposta por R. E. Brown para o problema das rupturas no Evangelho segundo João também pressupõe diversos estágios redacionais. Em resumo, a teoria de R. E. Brown é apresentada a seguir.

O primeiro estágio é a existência de um corpo de material concernente a palavras e gestos de Jesus, semelhante àquele que foi utilizado para a composição dos evangelhos sinóticos, mas de origem independente. O segundo estágio é a elaboração desse material em ambiente joanino. Tal elaboração ocorreu, primeiramente, através da pregação e do ensino oral, passando, depois, a uma fase de formas escritas, sob a orientação de um líder espiritual. Desse mesmo ambiente joanino proviriam as cartas de João e o Apocalipse.

O terceiro estágio é a organização do material proveniente do estágio anterior em um Evangelho. Essa seria, de fato, a primeira redação do Evangelho. Ela teria sido feita pelo mesmo líder (pregador, teólogo ou superior) da comunidade ou sob sua direção. Como é principalmente sobre ele que recai a responsabilidade do Evangelho, é a ele que se dá o nome de evangelista. O quarto estágio é uma segunda redação do Evangelho feita pelo próprio evangelista, que teve como finalidade responder a novos problemas que haviam aparecido.

<sup>13</sup> M.-É. BOISMARD; LAMOUILLE, A., *Synopse des quatre évangiles*, Tome III – *L'évangile de Jean*, p. 10-11.

O quinto estágio é uma edição final da parte de um editor diferente do evangelista, mas, provavelmente, próximo a ele, talvez seu discípulo. Esse editor teria retomado material do segundo estágio, que o evangelista teria deixado de fora, para reinseri-lo no Evangelho. Ele também teria inserido outro tipo de material joanino, não proveniente do evangelista. Enfim, ele pode ter tomado alguns detalhes da tradição sinótica, de modo especial do Evangelho segundo Marcos.<sup>14</sup>

### *Tentativa de síntese*

Pode-se tomar como certo que o Evangelho segundo João tenha passado por etapas redacionais. Não é fácil, porém, identificar quantas foram essas etapas, nem a profundidade do trabalho realizado em cada uma delas.

O estudo do estado textual do Evangelho segundo João nos manuscritos antigos deixa transparecer um texto no qual foram feitos alguns acréscimos, o que, aliás, é próprio da atividade dos copistas na Antiguidade. Ademais, os três biblistas mencionados acima (R. Bultmann, M.-É. Boismard e R. E. Brown) postulam que Evangelho segundo João teria sido retrabalhado em todo o seu conjunto por um editor. Indo para trás, chega-se ao trabalho mais importante, que foi aquele do evangelista. Teria o próprio evangelista feito duas redações de sua obra, como pretendem M.-É. Boismard e R. E. Brown? Não se pode afirmar com certeza.

De acordo com R. E. Brown, este Evangelho se formou em uma comunidade na qual surgiu e foi sendo interpretado e escrito. Essa comunidade também deve ser considerada como autora desse Evangelho, pois também ela dá autoridade ao escrito. É essa comunidade que R. E. Brown chama de “a comunidade do Discípulo Amado”.<sup>15</sup>

### A data da composição do Evangelho segundo João

Para estabelecer a data da composição final do Evangelho, levam-se em conta três tipos de argumentos ou critérios. O primeiro reúne os argumentos

<sup>14</sup> R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XXXV-XLII. Posteriormente, R. E. Brown retomou sua hipótese dos estágios redacionais, identificando, porém, quatro estágios (Evangelho segundo João, p. 507-510).

<sup>15</sup> É esse o título de um de seus livros mais conhecidos: R. E. BROWN. *A comunidade do Discípulo Amado*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2013. A possibilidade de falar em uma comunidade do Discípulo Amado foi recentemente negada por H. Thyen (L. DEVILLERS, *Les trois témoins*, p. 50). Para J. Beutler, os estudos que demonstram a dependência da tradição joanina em relação à tradição sinótica também enfraquecem a hipótese de uma comunidade joanina como mediadora dessa mesma tradição (*Evangelho segundo João*, p. 26).

de tipo teológico. Aqui, são mencionadas as teses de que a teologia do Evangelho segundo João é a mais desenvolvida de todo o Novo Testamento e de que seus ensinamentos sobre o Batismo e a Eucaristia pressupõem uma teologia mais evoluída e, portanto, posterior àquela presente nos evangelhos sinóticos. Não é necessário dizer que essas teses não são universalmente aceitas. Por outro lado, ainda nesse campo, entrariam as considerações sobre a perspectiva da escatologia realizada, presente no Evangelho, que pressuporia a diminuição da expectativa de uma parusia iminente. Ora, esse tipo de abordagem não seria possível ao menos antes dos anos 70.

Outro grupo de argumentos tenta se basear em dados históricos que o escrito deixaria transparecer. Entre eles, o tema da expulsão dos cristãos da sinagoga (Jo 9,22; 12,42). Para alguns estudiosos, entre os quais R. E. Brown, esse tema entrou na fase final da composição do Evangelho, situada, assim, segundo o estudioso, não antes dos anos 80 e, possivelmente, em torno dos anos 90. Outro argumento proveniente do campo da história é que Jo 21,18-19 pressupõe a morte de Pedro, que teria ocorrido pelo final dos anos 60. Aliás, Jo 21,22-23 parece pressupor também a morte do Discípulo Amado e o desaparecimento da primeira geração de testemunhas de Jesus, o que leva a datar a redação final desse Evangelho dentre os anos 90 e 100.<sup>16</sup>

Enfim, há os indícios externos, ou seja, as referências a esse Evangelho por parte de outros escritos. As primeiras evidências do uso do Evangelho segundo João por escritores patrísticos datam do século II.<sup>17</sup> Em si, esse argumento não pode ser determinante, mas ele parece indicar que o Evangelho segundo João teria chegado a seu estágio final de redação não muito antes desse tempo.

Os mais antigos testemunhos manuscritos do Evangelho segundo João são quatro papiros gregos:

Ⲙ<sup>52</sup> datado dentre 135 e 150, o mais antigo dentre todos os manuscritos conhecidos do Novo Testamento, mas do qual se conservou uma porção muito limitada de texto, a saber: Jo 18,31-33.37-38;

<sup>16</sup> R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XCIII-CI.

<sup>17</sup> Por volta de 175, Taciano utilizou o Evangelho segundo João para compor sua harmonia evangélica. Alguns estudos procuraram mostrar que os escritos de Inácio de Antioquia, por volta de 110, e de Justino Mártir, por volta de 150, dependem do Evangelho segundo João. Esses estudos são citados por R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XCIV-XCV. Podem-se ver também as considerações de J. BEUTLER, *Evangelho segundo João*, p. 32-33.

- Ⓟ<sup>66</sup> datado de cerca do ano 200, um manuscrito em estado fragmentário, que traz apenas o Evangelho segundo João;
- Ⓟ<sup>75</sup> também datado de cerca do ano 200, em melhor estado de conservação, que traz o Evangelho segundo Lucas e o Evangelho segundo João; e
- Ⓟ<sup>45</sup> datado do século III, que contém os quatro evangelhos e os Atos dos Apóstolos.<sup>18</sup>

O mais antigo comentário do Evangelho segundo João conservado integralmente é o de Orígenes († 254), mas ele cita um comentário anterior, de Heracleão, que viveu no século II. Na patrística, há ainda os comentários de Crisóstomo († 407) e de Agostinho († 430), dentre os mais importantes, e, desde então, inúmeros comentários a este Evangelho foram escritos.

### O Evangelho segundo João e suas relações com os evangelhos sinóticos e com os demais escritos bíblicos

Primeiramente, o Evangelho segundo João deve ser posto em relação com o Evangelho segundo Marcos, o Evangelho segundo Mateus e o Evangelho segundo Lucas, chamados de evangelhos sinóticos por apresentarem grande semelhança entre si. Quando o Evangelho segundo João é comparado com esses evangelhos, aparecem semelhanças e diferenças. Quanto à estrutura, há basicamente um esquema comum: pregação de João Batista, ministério de Jesus na Galileia, subida de Jesus a Jerusalém, morte e ressurreição, ainda que João se diferencie ao dar um espaço maior ao ministério de Jesus em Jerusalém. Quanto ao material narrativo, há várias informações sobre Jesus de Nazaré que aparecem apenas no Evangelho segundo João e, mesmo nas passagens paralelas com os sinóticos, há diferenças de detalhes e diversidade no tratamento dos temas.

Diferenças e semelhanças podem ser compreendidas a partir de dois modelos. Ou se postula que o evangelista conheceu os evangelhos sinóticos e os retrabalhou a seu modo, inclusive os combinando com suas próprias fontes, ou se postula que o processo redacional que produziu o Evangelho segundo João aconteceu quase inteiramente à parte do processo redacional que deu origem aos outros escritos evangélicos. A primeira hipótese é

<sup>18</sup> J. Beutler cita estes e mais alguns outros papiros que contêm, em estado fragmentário, o texto do Evangelho segundo João (*Evangelho segundo João*, p. 33-34). Embora esses papiros estejam em estado fragmentário, juntos cobrem uma boa extensão de texto do Evangelho segundo João, que é, assim, o escrito do Novo Testamento mais bem representado pela tradição manuscrita mais antiga.

menos evidente, mas ela aparece com mais força quanto mais se trabalha com o Evangelho segundo João. É nesse trabalho mais detalhado que aparecem os inúmeros paralelos entre o Evangelho segundo João e os evangelhos sinóticos.<sup>19</sup>

Além dos evangelhos, há também certos paralelos entre o Evangelho segundo João e a literatura paulina. Esses paralelos são de tipo temático, o que leva a supor que esses dois grupos de escritos do Novo Testamento – escritos joaninos e escritos paulinos – estiveram às voltas com problemas semelhantes, de modo especial com o problema das relações entre o cristianismo nascente e o judaísmo.<sup>20</sup>

O Evangelho segundo João também está repleto de citações, alusões e referências que remetem ao Antigo Testamento. A questão acaba deslocada para qual foi a versão do Antigo Testamento utilizada na composição deste Evangelho. A primeira possibilidade é que tenha sido a Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, se não no todo, ao menos em grande parte. A segunda possibilidade é que tenha sido utilizado o Antigo Testamento em hebraico e, mais ainda, em aramaico, segundo as tradições targúmicas. Somente numa etapa posterior da composição do Evangelho é que a utilização da Septuaginta teria passado a predominar, de modo que essas duas possibilidades não chegam a se excluir mutuamente.<sup>21</sup>

Quanto à sua maneira de utilizar o Antigo Testamento, este Evangelho serve-se menos da citação explícita e mais das alusões. Ao se referir ao Antigo Testamento, utiliza, sobretudo, as técnicas da reinterpretação, ampliação e substituição. De um modo geral, essas técnicas dependem do esquema “figura e realização”, largamente empregado em todo o Novo Testamento, segundo o qual o Cristo leva à plena realização o que o Antigo Testamento já traz em figura.

<sup>19</sup> Sobre esse tema, pode-se ver R. E. BROWN, *Giovanni*, p. XLVII-LI; R. E. BROWN, *Evangelho segundo João*, p. 496-497; J. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 23-27; B. MAGGIONI, *O Evangelho de João*, p. 259-261. C. H. Dodd trata da questão somente de passagem e se inclina pela independência do Evangelho segundo João em relação aos sinóticos (*A interpretação do quarto evangelho*, p. 577-578). Para J. Beutler, o evangelista conheceu e utilizou de modo criativo os evangelhos sinóticos (*Evangelho segundo João*, p. 25-27).

<sup>20</sup> Para C. H. Dodd, o pensamento joanino não escapou da influência da teologia paulina, mas o alcance dessa influência não deve ser exagerado (*A interpretação do quarto evangelho*, p. 19-20).

<sup>21</sup> Pode-se ver o modo como R. E. Brown trata da questão (*Giovanni*, p. LXVIII-LXX).

O evangelista também demonstra conhecer a exegese rabínica dos textos bíblicos que se fazia em seu tempo, chamada de *haggadá*. Essa exegese demonstra sua afinidade com a tradição targúmica, uma vez que ambas provêm do ambiente sinagoga. Certas passagens do Evangelho segundo João que retomam textos do Antigo Testamento dependem desse tipo de interpretação.<sup>22</sup>

Outras questões ainda poderiam ser tratadas nesta introdução. Aquelas que foram apresentadas são as principais. O próximo passo será entrar nas questões teológicas que a leitura do Evangelho segundo João desperta, o que será feito no item a seguir.

## Chaves de leitura para o Evangelho segundo João

Nas páginas seguintes, serão apresentadas quatro chaves de leitura que ajudam a compreender o Evangelho segundo João. A primeira é seu estilo literário próprio; a segunda é seu vocabulário típico; a terceira são seus temas teológicos fundamentais; a quarta é o quadro das festas mencionadas no Evangelho, que também lhe dá uma estrutura.<sup>23</sup>

### O estilo literário do Evangelho segundo João

Cada um dos escritores do Novo Testamento tem seu estilo, e o do autor do Evangelho segundo João é muito próprio. As características de seu estilo literário são:

- a) o uso de uma linguagem simbólica,
- b) a alternância dos gêneros literários poético e narrativo,
- c) a introdução de parênteses ou interferências do narrador,
- d) o jogo de palavras com duplo significado e a recorrência a mal-entendidos,
- e) a ironia,
- f) o uso de inclusões, e
- g) o modo de expressão que se caracteriza pela antítese.

<sup>22</sup> Para uma visão mais global das relações entre o Evangelho segundo João e o judaísmo rabínico, pode-se ver C. H. DODD, *A interpretação do quarto evangelho*, p. 107-136.

<sup>23</sup> Podem-se ver também as chaves de leituras indicadas por J. KONINGS. *Evangelho segundo João*, p. 63-70.

*Linguagem simbólica*<sup>24</sup>

Uma característica marcante do Evangelho segundo João é sua dimensão simbólica. Os símbolos usados pelo evangelista provêm fundamentalmente de dois campos: do cotidiano e do Antigo Testamento. Eles podem ser encontrados no Evangelho inteiro e estão presentes em diversas palavras e expressões, como na palavra “luz”; em determinadas personagens, como Nicodemos, a Samaritana, Lázaro, o Discípulo Amado, e em diversas situações, como na falta de vinho em Caná ou na cena de Jesus lavando os pés de seus discípulos. A maneira como este Evangelho se serve do simbolismo também está ligada às analogias presentes nos discursos de Jesus, tal como na afirmação “Sou eu o Pão da Vida” (Jo 6,35), e na apresentação que o evangelista faz de certos gestos de Jesus caracterizados como sinais.

A relação entre o símbolo e seu significado é muito estreita. O símbolo surge como a base material de significado, e o significado, como a apropriação espiritual da realidade. O cotidiano aparece, assim, como um grande depósito de significados que pedem para ser interpretados. Essa maneira de se servir do simbolismo é relevante para compreender a visão mística presente neste Evangelho, uma vez que as realidades espirituais são alcançadas pela mediação das realidades sensíveis. É assim que a encarnação da Palavra de Deus torna-se paradigma, para falar das coisas espirituais.

*Poesia e narrativa*

A alternância entre os gêneros poético e narrativo não é exclusividade do Evangelho segundo João, mas é digno de nota o modo como o evangelista se serve desses dois expedientes literários. Logo no início, o Evangelho se abre com alguns versículos em poesia (Jo 1,1-5), que logo cedem lugar à prosa narrativa (Jo 1,6-8), para voltar ao ritmo poético (Jo 1,9-14) etc. Depois, ao longo do Evangelho, as narrativas aparecem, sobretudo, nos relatos dos sinais realizados por Jesus. É comum que esses relatos sejam seguidos de discursos diretos de Jesus, nos quais volta a aparecer o ritmo poético. Há narrativas no Evangelho segundo João que são longas ou, ao menos, mais longas do que geralmente são as narrativas nos outros escritos evangélicos, como, por exemplo, o relato da ressurreição de Lázaro. Também há discursos de Jesus que são longos, mas, nisso, o Evangelho segundo João não se distingue dos demais escritos evangélicos. Por outro lado, há narrativas

<sup>24</sup> Sobre a linguagem simbólica, pode-se ver C. H. DODD, *A interpretação do quarto evangelho*, p. 181-193; J. KONINGS, *Evangelho segundo João*, p. 21; B. MAGGIORI, *O Evangelho de João*, p. 299-300.

muito breves como, por exemplo, Jo 2,12, versículo que, em si, forma uma perícopé, uma unidade literária. Em geral, esses relatos breves ou brevíssimos se apresentam como unidades de transição entre outros relatos mais longos.

Tanto nos relatos quanto nos discursos, há diálogos. Alguns são, realmente, diálogos nos quais tanto Jesus como seus interlocutores tomam a palavra; outros se caracterizam por longas porções de discurso direto de Jesus, interrompidos apenas eventualmente por alguma fala de seus interlocutores. São nessas porções mais longas de discurso direto de Jesus que aparece, preferencial mas não exclusivamente, o gênero literário poético. Esse formato poético atribui maior solenidade às palavras de Jesus.

De acordo com R. E. Brown, o estilo poético é mais evidente no prólogo (Jo 1,1-18) e no capítulo 17. O traço característico dessa poesia é o “ritmo, ou seja, linhas da mesma extensão, aproximadamente, cada uma constituindo uma oração”. Ainda segundo R. E. Brown, o estilo poético dos discursos de Jesus no Evangelho segundo João segue um padrão já presente no Antigo Testamento, em discursos nos livros dos profetas ou em discursos da Sabedoria personificada nos escritos sapienciais.<sup>25</sup>

#### *Introdução de parênteses ou interferências do narrador*

Nas porções narrativas do Evangelho segundo João, é muito comum achar aquilo que em análise narrativa é chamado de intromissão ou interferência do narrador, que aparece como parênteses no interior do relato. É comum, em uma narrativa, que o narrador apareça para criar o cenário, para dar a palavra às personagens quando há diálogos, para dar explicações ao leitor para que este compreenda mais facilmente a narrativa. No Evangelho segundo João, no entanto, as interferências do narrador são frequentes e se prestam a diversas finalidades. Algumas vezes, elas explicam o significado de um termo ou de um nome semítico, como é o caso de Messias (Jo 1,41), Cefas (Jo 1,42), Siloé (Jo 9,7) e Tomé (Jo 11,16; 20,24). Outras vezes, servem para esclarecer que o significado de um gesto de Jesus somente foi compreendido pelos discípulos após a ressurreição (Jo 2,22; 12,16) ou para especificar a dimensão teológica de uma fala de Jesus (Jo 7,39).<sup>26</sup> Há ainda casos em que o narrador se apresenta para dar sua própria opinião a respeito do que está narrando. Nesses casos, o narrador entra na narrativa. Um exemplo desse tipo de interferência do narrador pode ser visto em Jo 12,6,

<sup>25</sup> R. E. BROWN, Evangelho segundo João, p. 459-460.

<sup>26</sup> R. E. BROWN, Evangelho segundo João, p. 463.

na perícopé da unção de Jesus em Betânia (Jo 12,1-8). O narrador entra na narrativa e desqualifica a crítica que Judas faz ao desperdício de perfume, antes mesmo que Jesus faça a defesa da mulher que o ungiu.

Por outro lado, nos discursos de Jesus, o narrador interfere muito pouco e, com frequência, chega a desaparecer. Isso acontece várias vezes nos discursos de Jesus na última ceia com seus discípulos. O trecho mais longo de discurso direto de Jesus sem nenhuma interferência do narrador vai de Jo 14,23 até 16,16. Todavia, não é apenas a extensão desses discursos que chama a atenção, mas, sobretudo, a mudança de tema sem interferência do narrador, como, por exemplo, se dá na passagem de Jo 13,38 para Jo 14,1. Algo semelhante ocorre na passagem de Jo 3,27-30, um discurso de João Batista, para Jo 3,31-36, sem que fique claro se se trata da continuação do discurso de João ou não.

### *Jogos de palavras e mal-entendidos*

Um procedimento literário típico da literatura joanina, compreendendo evangelho e cartas, é o recurso ao jogo de palavras, que inclui expressões com duplo significado, a variação de vocabulário e o paradoxo, que, ao contrário da antítese, não exclui, mas une sentidos opostos. Seja dado um exemplo de cada um desses jogos de palavras. Em Jo 3,3, o advérbio grego *ánōthen* é usado em seu duplo significado de “do alto” e “de novo”. Os verbos *agapáō* e *filéō*, embora possam ter matizes distintos de significado nos dicionários, no Evangelho segundo João assumem indistintamente o significado de “amar”. Assim também os verbos *apostéllō* e *pémpō*, com o significado de “enviar”. Para o paradoxo, o melhor exemplo é o mandamento que é, ao mesmo tempo, antigo e novo, em 1Jo 2,7-8.

Alia-se a esses jogos de palavras um procedimento literário típico do Evangelho segundo João: o aprofundamento de uma palavra dita, uma maiêutica joanina. Quem conduz esse aprofundamento é o próprio Jesus. Ele pode ocorrer em duas direções. Ou é Jesus que pronuncia uma palavra que seu interlocutor (ou interlocutores) não compreende ou compreende de um modo superficial e então, num diálogo com Jesus, vai aprofundando o sentido dessa palavra, ou é o interlocutor de Jesus que diz uma palavra cujo significado mais profundo ele próprio desconhece. Também nesse caso, o diálogo com Jesus faz irromper as possibilidades de sentido da palavra pronunciada.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Ver o modo como R. E. Brown trata dessas questões (Evangelho segundo João, p. 460.462).

*Ironia*

A ironia também é uma característica do estilo literário do evangelista, o que, em si, não chega a ser louvável, uma vez que a ironia fere as pessoas com facilidade. No Evangelho, ela aparece diversas vezes e é muito clara em passagens como Jo 7,47-52 e Jo 9,26-34. De acordo com R. E. Brown, a ironia também aparece combinada com o duplo significado e com o mal-entendido em passagens em que os opositores de Jesus fazem sobre ele afirmações incrédulas ou sarcásticas, mas que terminam por ser verdadeiras, embora não no sentido em que esses interlocutores de Jesus as pretendiam. Esse é o caso, por exemplo, de Jo 7,35.<sup>28</sup>

*Inclusões*

A inclusão é uma técnica redacional frequente nos escritos bíblicos, que consiste em repetir uma palavra, uma expressão, uma ideia ou um motivo, no início e no final de um texto. Há inclusões que delimitam uma perícopie, outras que abrangem uma seção ou todo um escrito bíblico. No Evangelho segundo João, as referências à mãe de Jesus, em Jo 2,1 e em Jo 19,25, formam uma inclusão que abrange todo o Evangelho. Já as referências à Páscoa dos judeus em Jo 2,13 e em Jo 4,45 delimitam uma seção: Jo 2,13–4,54. Por outro lado, a referência, em Jo 4,54, ao segundo sinal realizado por Jesus reenvia ao primeiro dos sinais (Jo 2,11), de modo que também seria possível delimitar uma seção em Jo 2,1–4,54. Inclusões que delimitam uma perícopie são encontradas com maior frequência, como, por exemplo, a menção da glória de Deus em Jo 11,4 e Jo 11,40.<sup>29</sup>

*Antíteses*

Uma característica marcante do Evangelho segundo João é o uso de determinados grupos de palavras que formam campos semânticos, com substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Dentro de um grupo semântico aparecem termos com significados contrários entre si, formando as antíteses, tão presentes na literatura joanina. Essas antíteses podem ser vistas como o modo de se expressar de um temperamento radical, para o qual luz e trevas opõem-se totalmente (1Jo 1,5), ou como a linguagem característica de uma comunidade que atravessa uma situação-limite.

Como as antíteses estão intimamente ligadas ao vocabulário típico do Evangelho segundo João, elas continuarão sendo tratadas na seção seguinte.

<sup>28</sup> R. E. BROWN, *Evangelho segundo João*, p. 462.

<sup>29</sup> R. E. BROWN, *Evangelho segundo João*, p. 462-463.